

AMBIENTE VIRTUAL DE ARTE-EDUCAÇÃO AMBIENTAL



Neoclassicismo



Michelle Coelho Salort



MICHELLE COELHO SALORT

NEOCLASSICISMO

1ª edição

Rio Grande
Edição do Autor
2018



Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
Informações concedidas pelo autor

S175n Salort, Michelle Coelho

Ambiente Virtual de Arte-Educação Ambiental : Neoclassicismo. / Michelle Coelho Salort. 1. Ed. – Rio Grande: Ed. do autor, 2018.

15 p. ; il.
Inclui bibliografia.

1. Cultura Greco-Romana. 2. Arte Grega.
3. Arte Neoclássica 4. Arquitetura Riograndina. I. Título

CDD 709.44

Bibliotecária responsável: Paula Simões – CRB 10/2191



NEOCLASSISMO

Quando olhamos alguns prédios de nossa cidade, é possível perceber que alguns são muito semelhantes em suas composições arquitetônicas, têm colunas, frontões, abóbodas... Parecem até templos gregos ou romanos, você não acha?

Esses prédios antigos, que parecem transplantados direto da Grécia antiga, na verdade, pertencem ao estilo neoclássico, o prefixo “neo” significa “novo” e “clássico” faz referencia à cultura greco-romana.

O estilo neoclássico chegou ao Brasil juntamente com a “Missão Artística Francesa” em 1816 (mais informações sobre este assunto você encontra no material específico de mesmo título), pois era o estilo em voga na Europa quando os artistas fizeram suas malas e vieram para o nosso país.

Além disso, era de interesse do governo português investir em uma iconografia que valorizasse a imagem da corte portuguesa em solo brasileiro, e nada melhor do que o estilo neoclássico para este

fim, afinal, “uma imagem vale mais do que mil palavras”, principalmente em uma sociedade quase inteiramente analfabeta como a que havia no Brasil no começo do século XIX.

O ano de 79 d.C é marcado pela erupção do vulcão Vesúvio, que soterrou Pompéia e Herculano, duas cidades da época do império romano. Em 1738 e 1748, essas duas cidades foram redescobertas por meio de escavações no local, onde se percebeu que as duas cidades estavam quase intactas. Foram tais descobertas que animaram certo renascimento da arte clássica (SCHWARCZ, 2008).

O neoclassicismo ou neoclássico era um estilo artístico que tinha como objetivo maior um retorno à Antiguidade Clássica, a qual deveria ser imitada e não simplesmente copiada. Ficou conhecido como o estilo verdadeiro ou correto, porque era oposto ao barroco e rococó (sobre este assunto, você encontra mais informações no material específico de mesmo título), uma vez que estes

estilos, principalmente o rococó, com sua extravagância e exagero, identificava-se com a corte francesa de Luis XVI e Maria Antonieta. Assim, um novo estilo que retomasse os ideais gregos e romanos eram objetivos tanto na política quanto na arte.

MAS POR QUE SERÁ
QUE EXISTE ESSE TIPO DE
ARQUITETURA EM NOSSO
MUNICÍPIO?

VAMOS DESCOBRIR?

Foi na França que o neoclássico ganhou força, entretanto, existem estudos que indicam que o estilo neoclássico teria se originado na Inglaterra, no começo de século XVIII, com um grupo que construiu prédios de acordo com os desenhos das *Villas* renascentistas de Andrea Palladio (SCHWARCZ, 2008).

O estilo neoclássico deveria ser lógico, emocionalmente puro e moralmente elevado, suas características eram: verdade, pureza e honestidade, opostas ao estilo rococó. O pintor neoclássico se pre-

ocupava em modelar os músculos e tendões do corpo, evocar exemplos heroicos da Antiguidade e ainda deixar a obra o mais simples possível, sem nenhum exagero. Não era uma tarefa fácil, por isso era ensinada e transmitida de mestres para seus aprendizes nas academias (SCHWARCZ, 2008).

Os artistas valorizavam as figuras severas, desenhadas com exatidão e eles evitavam a ilusão de profundidade dos relevos romanos. A pincelada era suave, não deveria ser identificada, fazendo com que a superfície parecesse polida. O pintor sabia que qualquer excesso poderia assemelha-lo com o rococó. No fundo das pinturas, geralmente eram incluídos elementos da arquitetura romana ou grega, como arcos e colunas, e a simetria e as linhas retas substituíam as linhas curvas, pois estes lembravam o barroco e o rococó (STRICKLAND, 2002).

Observando as imagens no quadro a seguir, *Retrato de Madame de Pompadour* em estilo rococó (Figura 01) e *Retrato da Prince*

PINTURA

de Broglie em estilo neoclássico (Figura 02) é possível perceber as diferenças dos dois estilos. Ambos são retratos de mulheres, porém, diferem muito no que diz respeito às suas vestimentas, bem como os adereços dos cômodos onde se encontram. A limpeza e a simplicidade do fundo da obra neoclássica contrastam com o fundo da pintura rocó no exagero de ornamentação.



Figura 02. Ingres, *Retrato da Princesa de Broglie*, 1853

Fonte: <https://www.metmuseum.org>



Figura 01. Boucher *Retrato da Marquesa de Pompadour*, 1756

Fonte: <https://www.pinakothek.de>

A pintura neoclássica priorizava o gênero histórico, uma vez que o pintor desse gênero deveria aglutinar os demais, ou seja, ele precisava dominar a paisagem, o retrato, e a natureza-morta a fim de melhor orientar sua obra (SCHWARCZ, 2008). Nesse sentido, o pintor Jaques Louis David (1748-1825) é o maior expoente da pintura neoclássica, evidenciando em suas obras a relação da arte com o poder. Por contestar o Antigo

Regime, tornou-se o pintor da revolução Francesa e de Napoleão.

David foi um exemplo de artista engajado no cenário político. Em 1781, apresentou Salão de Paris a obra *Belisário* (Figura 03), que representava a surpresa de um soldado que reconhece seu antigo general

Belisário, velho e pobre pedindo moedas na rua. David eleva a temática da obra a um patamar universal se analisarmos a falta de glória da humanidade ou a desvalorização dos idosos.

No período de Luis XVI, os artistas mais bem-sucedidos eram financiados pela monarquia. Seria uma honra e um reconhecimento de seu trabalho poder pertencer às Academias (centros dedicados à aprendizagem; na Antiguidade, os moradores de Atenas começaram a chamar de “Academia” o grupo dos discípulos de Platão).



Figura 03. David, *Belisário*, 1781

Fonte: <http://www.pba-lille.fr>

Na época de David, a Academia era financiada pelo rei e seguia o estilo rococó, mas David, mesmo sendo um artista da Academia, não seguia seus padrões estilísticos e começou a usar sua arte como um instrumento de protesto contra o Antigo Regime.

Em *O juramento dos Horácios* (Figura 04), é possível observar que a cena é ambientada em Roma em razão dos arcos romanos sustentados

pelas colunas dóricas ao fundo. Na cena, os três Horácios juram defender a Roma e se sacrificar por ela até a morte, erguem suas mãos em direção à mão de seu pai, o velho Horácio, que segura às três espadas. A virilidade e a coragem masculinas de um lado se opõem à fragilidade feminina de outro. Os Horácios vão à guerra e a revolução é o que aponta no horizonte da França..



Figura 04. David, *O juramento dos Horácios*, 1784-5.

Fonte: <https://www.louvre.fr>

Em 1789, o cenário francês apontava para uma revolução iminente, pois o povo vivia na miséria, chegando a faltar o pão para os mais pobres, enquanto a corte de Luis XVI vivia em meio ao luxo e ao esbanjamento em Versalhes. David, mais uma vez, apresenta uma obra no salão de Paris: *Os Lictores trazem a Brutus os corpos de seus filhos* (Figura 05).

o quadro aborda o mito do pai que sacrifica a vida dos filhos pelo bem da pátria. Assim, observamos a figura do pai, em primeiro plano, que olha para fora do quadro: ele está sentado à sombra de uma estátua que simboliza a pátria idealizada de Roma. Uma luz entra pela porta e ilumina

o corpo do filho transportado pelos lictores. Mais uma vez, David contrapõe a masculinidade de um lado do quadro e a feminilidade de outro. Esta foi a última obra que David destinou à monarquia, mas, graças a ela, ele se tornaria definitivamente o maior pintor da revolução (SCHWARCZ, 2008).

Como pintor da Revolução, David é encarregado de registrar cenas de acontecimentos reais, e não mais as cenas mitológicas de antes. Dessa forma, pinta *O Juramento do jogo da péla* (Figura 06), obra que retoma o juramento dos Horácios, mas agora são os deputados que juram fidelidade à Monarquia Constitucional.



Figura 05. David, *Os Lictores trazem a Brutus os corpos de seus filhos*, 1789.

Fonte: <https://www.louvre.fr>

gado de registrar cenas de acontecimentos reais, e não mais as cenas mitológicas de antes. Dessa forma, pinta *O Juramento do jogo da péla* (Figura 06), obra que retoma o juramento dos Horácios, mas agora são os deputados que juram fidelidade à Monarquia Constitucional.



Figura 06. David, *O Juramento do jogo da péla*, 1791.

Fonte: <http://collections.chateauversailles.fr/>

Como pintor da Revolução, David não poderia deixar de registrar a morte de seu amigo, o jornalista Jean-Paul Marat. David havia visitado Marat um dia antes de seu assassinato: ele estava em seu banho medicinal, para aliviar as sequelas de uma doença de pele; junto à banheira, Marat havia improvisado uma mesa em que poderia ficar escrevendo enquanto se banhava. Foi este cenário que Charlotte Corday o encontrou e o matou com uma faca de cozinha. Charlotte era uma jovem que acusava Marat de incentivar, com seu

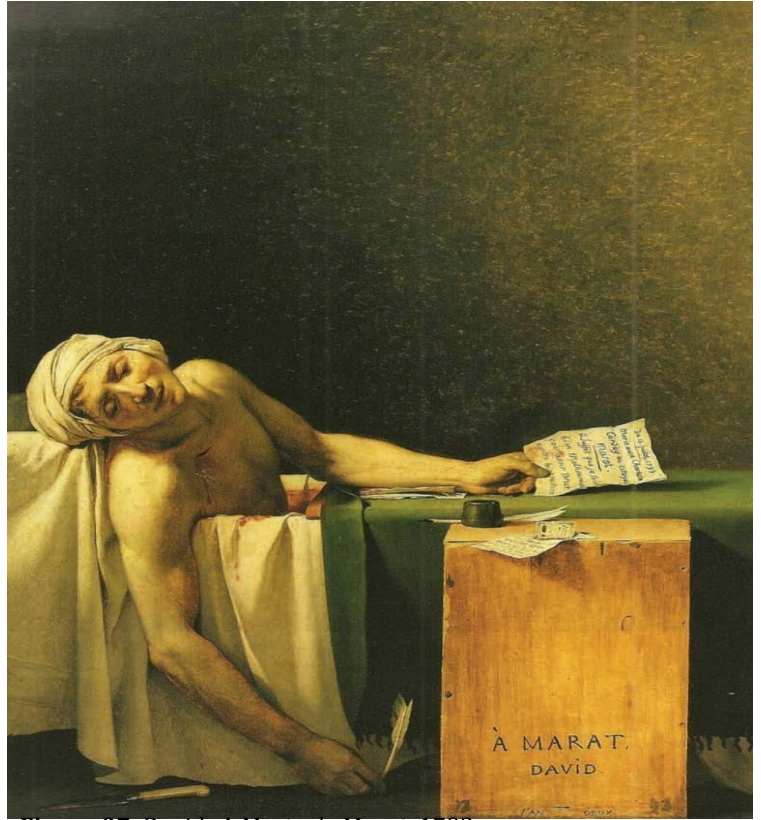


Figura 07. David, *A Morte de Marat*, 1793.

Fonte: www.fine-arts-museum.be/fr

jornal, a violência em Paris. David pintou “Marat” como um mártir (Figura 07) e sua imagem se assemelha à de Cristo morto.

David tornar-se-ia também o pintor oficial de Napoleão Bonaparte, e com seu talento, tentou reforçar o mito do homem comum que de general passa a Imperador à frente dos cenários de batalha. Napoleão foi coroado Imperador com todo o requinte e David, mais uma vez, foi chamado para registrar o acontecimento. A cerimônia ficou imortalizada na tela *A consagração de Napoleão I e a coroação da imperatriz Josefina na catedral de Notre-Dame em 02 de dezembro de 1804* (Figura 08). Na obra, Napoleão, que já tinha pegado a coroa das mãos do Papa e colocado em sua própria cabeça, aparece coroando Josefina.



Figura 08. David, *A consagração de Napoleão I e a coroação da imperatriz Josefina*, 1804.

Fonte: <https://www.louvre.fr>

Napoleão era representado como um homem benevolente e piedoso com seus inimigos. A guerra era um “mal necessário” que levava os ideais franceses às culturas bárbaras. A arte estava a serviço do Estado, era um veículo de propaganda dos feitos grandiosos de Napoleão, que se tornava um homem poderoso, diferentemente dos monarcas que herdavam o poder de seus antepassados, mas sim, pela virtude de um homem do povo (SCHWARCZ, 2008). Desta forma, podemos entender as verdadeiras intenções de D. João, quando decide trazer para o Brasil uma comitiva de artistas vinculados a David e ao próprio Napoleão, pois se David, com seu estilo neoclássico, havia conseguido criar a imagem de um imperador que provinha do povo, seus colegas (Taunay, Debret, entre outros) haveriam de conseguir construir a imagem de um rei em uma terra que não o conhecia, e principalmente construir na colônia uma nova sede para a corte, com todo requinte e glamour da Europa.

ARQUITETURA



Figura 09. Jacques Germain Soufflot, *Panteão*, 1755-92.

Fonte: <http://arqsagrado.blogspot.com.br>

Na arquitetura, o retorno ao estilo dos gregos e romanos também estava em voga no momento. As antigas ruínas e as descobertas de Herculano e Pompeia inspiravam a construção de novos prédios que imitassem os antigos.

O primeiro grande monumento nesse estilo foi construído em Paris em 1755 e ficou pronto em 1792. Trata-se de um novo “Panteão” (Figura 09) e seu arquiteto foi Jacques Germain Soufflot; suas paredes são lisas e apresentam poucos ornamentos, mas apresenta um pórtico com frontão (JANSON, 1996).

Esse estilo se espalhou pelo mundo, chegando inclusive à nossa cidade. Na Inglaterra e nos Estados Unidos da América, ele foi chamado de *Georgiano*, e um exemplo típico desse estilo é Monticello (Figura 10), a casa de Thomas Jefferson, na Virgínia, feita com tijolos e madeira. Monticello apresenta colunas da ordem dórica, pois era considerado mais austero e mais autêntico (JANSON, 1996).

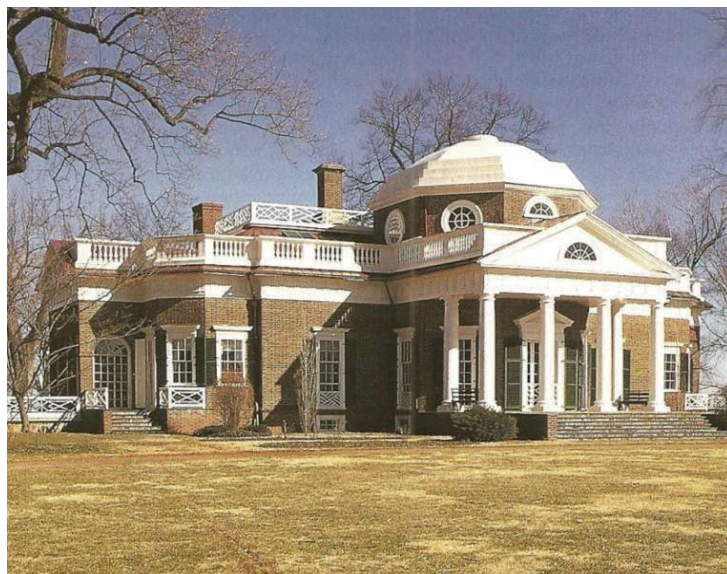


Figura 10. Tomas Jefferson. *Monticello*, Charlottesville, Virgínia. 1770-84; 1796-1806.
Fonte: Gombrich, 1999

No Brasil, o neoclássico se espalhou da metrópole para as províncias. Houve uma predominância desse estilo e seus desdobramentos na linhagem classista como o neo-renascimento. Esses estilos encontravam-se em regiões que apresentavam a presença de imigrantes da Europa ou ao emprego de estruturas importadas de ferro (PEREIRA, 2008).



Figura 11. O Paço Municipal do Rio Grande.
Fonte: Michelle Salort. Acervo pessoal, 2013

Em nossa cidade, encontramos vários prédios que apresentam aspectos do estilo neoclássico, como é o caso do Paço Municipal (Figura 12), do prédio da Alfândega (Figura 13) e da Biblioteca Rio-grandense (Figura 14), além deles, encontramos em vários outros de estilo eclético, com elementos que retomam o neoclássico.



Figura 12. Alfândega (detalhe)
Fonte: Michelle Salort. Acervo pessoal, 2013

EM NOSSO
MUNICÍPIO,
ENCONTRAMOS VÁRIOS
PRÉDIOS QUE
APRESENTAM
ASPECTOS DO ESTILO
NEOCLÁSSICO.



Figura 13. Biblioteca Rio-Grandense
Fonte: Michelle Salort. Acervo pessoal, 2013



Figuras 14 e 15. Coreto da Praça Tamandaré.

Fonte: Michelle Salort. Acervo pessoal, 2013

“casa nobre”, como era conhecida, foi construída em estilo colonial de dois pavimentos, que se destacava das poucas construções que existiam na época. Posteriormente, foi residência do Comendador Tigre e vendida por seus herdeiros em 1886 para Intendência Municipal do Rio Grande, que reformou a fachada do prédio do estilo colonial para o estilo neoclássico em 1894 (TORRES, 2008).

Encontramos também elementos arquitetônicos, tanto na Praça Xavier Ferreira quanto na praça Tamandaré. Na Tamandaré, é possível observar o Coreto (Figuras 14 e 15): construído no século XIX, apresenta colunas da ordem coríntia. Já na Praça Xavier Ferreira, existem colunas da ordem jônica (Figuras 16 e 17).

O Paço Municipal, ou seja, o prédio que abriga a Prefeitura Municipal do Rio Grande foi, construído em 1824 por Joaquim Rasgado, que era um importante comerciante da região. A



Figuras 16 e 17. Colunas da Praça Tamandaré.

Fonte: Michelle Salort. Acervo pessoal, 2013



Figura 18. *Paço Municipal (detalhe)*
 Fonte: Michelle Salort. Acervo pessoal, 2013

Em 2006, um incêndio destruiu parcialmente o prédio, que foi restaurado e entregue à comunidade em 2012. As fachadas, ornamentos e aberturas foram restaurados e o interior foi reconstruído. O Paço Municipal possui um pórtico com colunas da ordem dórica (Figura 18). Na imagem da platibanda (Figura 19), observamos o símbolo da República do Brasil e o ano em que o prédio se tornou sede da Intendência Municipal, 1900.



Figura 19. *Paço Municipal (detalhe platibanda)*
 Fonte: Michelle Salort. Acervo pessoal, 2013

Nas imagens a seguir (Figuras 20, 21 e 22), é possível observar mais detalhes desse magnífico patrimônio de nossa cidade.



Figura 20. Paço Municipal
Fonte: Michelle Salort. Acervo pessoal, 2013



Figura 21. Paço Municipal (detalhe)
Fonte: Michelle Salort. Acervo pessoal, 2013



Figura 22. Paço Municipal (detalhe)
Fonte: Michelle Salort. Acervo pessoal,

REFERÊNCIAS

PEREIRA, Sonia Gomes. *Arte Brasileira no Século XIX*. Belo Horizonte: C /Arte, 2008.

PROENÇA, Graça. *Descobrimdo a História da Arte*. São Paulo: Ática, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na conte de d. João*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TORRES, Luiz Henrique. *Rio Grande: imagens que contam a história*: SMEC, 2008.

Sites

<http://www.flickrriver.com/photos/eoskins/tags/rococo/>

http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/david.htm#axzz2iE8Qbmdi

<http://arte.ceseccaieiras.com.br/historia-da-arte-ocidental/3---o-nascimento-dos-ismos>

<http://arqsagrado.blogspot.com.br/2011/05/o-panteao-de-paris-1755-jacques-germain.html>

http://6b3grupodeestudos2011.blogspot.com.br/2011_08_01_archive.html